

São Paulo, 02 de agosto de 2005.

APENAS UMA CAPITAL TEM ALTA NO CUSTO DA CESTA BÁSICA

A tendência de queda no custo dos gêneros de primeira necessidade – já verificada em junho, quando 12 cidades apresentaram recuo – voltou a ocorrer em julho. Neste mês, apenas uma capital, Natal, registrou um pequeno aumento de 0,36% para a ração essencial mínima, conforme definida no decreto-lei 399, de abril de 1938. Todas as outras 15 localidades onde o DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos – realiza, mensalmente, a Pesquisa Nacional da Cesta Básica, apresentaram queda que variou de -0,09%, em João Pessoa, a -5,07%, em Aracaju.

São Paulo – cuja cesta custou, em julho, R\$ 178,22 – foi, novamente, a capital onde os gêneros essenciais tiveram maior preço, sendo, mais uma vez, seguida por Porto Alegre (R\$ 174,75). Os menores valores foram apurados em Salvador (R\$ 134,23) e Aracaju (R\$ 139,92).

Com base no maior valor apurado para a cesta básica e levando em consideração o preceito constitucional que estabelece que o salário mínimo deve suprir as necessidades de um trabalhador e sua família com alimentação, moradia, transportes, educação, vestuário, higiene, saúde, lazer e previdência, o DIEESE estima, mensalmente, o valor do salário mínimo necessário. Com a tendência de queda no custo da cesta, também o salário mínimo necessário teve redução, em julho, e seu valor deveria ser de R\$ **1.497,23**, ou seja, 4,99 vezes o piso vigente de R\$ 300,00. Em junho, ele deveria valer R\$ 1.538,56 (5,12 vezes o mínimo) e há um ano, o salário mínimo necessário correspondia a R\$ 1.527,56, ou 5,9 vezes o salário mínimo de então (R\$ 260,00).

Variações acumuladas

O recuo, por vezes acentuado, no custo da cesta fez com que duas capitais apresentassem, no acumulado entre janeiro e julho, variação negativa, caso de Brasília (-2,13%) e de Belém (-0,16%). Em Porto Alegre, a variação em sete meses é nula e as maiores taxas acumuladas ocorreram em capitais do Nordeste: Recife (16,59%), João Pessoa (14,10%) e Fortaleza (12,47%).

Em 12 meses – entre agosto de 2004 e julho deste ano – sete cidades registraram variação acumulada negativa, as mais expressivas apuradas em Porto Alegre (-3,89%), Belo Horizonte (-2,78%) e Fortaleza (-2,70%). As maiores taxas foram verificadas em Vitória (4,63%) e Goiânia (3,78%).

Cesta x Jornada

O tempo de trabalho necessário para a aquisição da cesta básica, na média das 16 capitais, voltou a cair em julho, conseqüência da redução no custo da cesta em quase todas as capitais. Assim, para comprar os gêneros essenciais, o trabalhador que ganha salário mínimo precisou cumprir, em média, uma jornada de 113 horas e 49 minutos, exatamente 3 horas a menos que a exigida em junho: 116 horas e 49 minutos. Em comparação com julho de 2004, a queda é mais significativa, pois a jornada então necessária chegava a 131 horas e 16 minutos.

O mesmo resultado é obtido quando se compara o custo da cesta com o valor do salário mínimo líquido, isto é, após os descontos referentes à Previdência. Em julho, a aquisição da cesta comprometia 56,02%, na média das 16 capitais, enquanto em junho eram exigidos 57,50%. Há um ano, a mesma compra necessitava 64,61% dos vencimentos de quem ganhava salário mínimo.

TABELA
Pesquisa Nacional da Cesta Básica
Custo e variação da cesta básica em dezesseis capitais
Brasil – Julho de 2005

CAPITAL	VARIAÇÃO MENSAL (%)	VALOR DA CESTA	PORCENTAGEM DO SALÁRIO MÍNIMO LÍQUIDO	TEMPO DE TRABALHO	VARIAÇÃO NO ANO (%)	VARIAÇÃO ANUAL (%)
NATAL	0,36	140,25	50,62	102h 51min	6,41	- 0,15
JOÃO PESSOA	-0,09	143,91	51,94	105h 32min	14,10	2,25
FLORIANÓPOLIS	-1,23	163,81	59,13	120h 08min	4,06	0,79
VITÓRIA	-1,47	160,50	57,93	117h 42min	5,33	4,63
BELO HORIZONTE	-1,90	164,87	59,51	120h 54min	8,27	-2,78
SALVADOR	-1,99	134,23	48,45	98h 26min	6,67	-1,29
RIO DE JANEIRO	-2,12	168,60	60,86	123h 38min	1,95	0,04
SÃO PAULO	-2,69	178,22	64,33	130h 42min	3,50	2,45
BELÉM	-2,86	149,46	53,95	109h 36min	-0,16	-2,65
GOIÂNIA	-3,02	152,68	55,11	111h 58min	2,55	3,78
CURITIBA	-3,08	163,21	58,91	119h 41min	4,68	- 1,37
FORTALEZA	-3,38	140,29	50,64	102h 53min	12,47	- 2,70
RECIFE	-3,40	143,40	51,76	105h 10min	16,59	1,29
PORTO ALEGRE	-4,01	174,75	63,08	128h 09min	0,00	-3,89
BRASÍLIA	-4,55	165,14	59,61	121h 06min	-2,13	0,07
ARACAJU	-5,07	139,92	50,50	102h 36min	6,56	1,13

Fonte: DIEESE

Comportamento dos preços

Em julho, apenas um produto – o café – apresentou alta na maior parte das cidades em que os preços são acompanhados. Nos demais, houve ou predomínio de redução, ou um grande número de localidades com o preço estável, como se verificou com o leite.

No caso do café, dentre as nove capitais onde houve aumento, os destaques foram Aracaju (7,89%) e Florianópolis (6,25%). As retrações mais significativas ocorreram em Recife (-3,54%) e Brasília (-1,55%). Em 12 meses, apenas duas localidades – Brasília (-0,59%) e Recife (-2,68%) –

registraram recuo no preço do produto. Altas foram apuradas em 14 cidades, as mais expressivas ocorridas em Aracaju (19,19%), Belém (15,42%) e São Paulo (11,26%).

O leite registrou elevação em seis localidades, as mais significativas apuradas em Belém (3,47%) e Salvador (2,84%). Em cinco cidades, seu preço ficou estável: Belo Horizonte, São Paulo, Fortaleza, Recife e Aracaju. Dentre as capitais com retração, destacaram-se Vitória (-3,63%) e João Pessoa (-3,20%). Na comparação com julho de 2004, 14 capitais apresentaram aumento, que chega a 16,00%, em Salvador e 14,63%, em Belo Horizonte. Os preços caíram em Aracaju (-4,20%) e João Pessoa (-3,97%).

Oito capitais – nas quais o DIEESE acompanha o preço do feijão de cores - tiveram aumento no feijão, em julho. As principais altas ocorreram em João Pessoa (19,09%), Natal (6,81%), São Paulo (6,43%), Goiânia (6,05%) e Recife (6,04%). A retração mais significativa foi verificada em Belém, com queda de 14,29%, também para o feijão de cores. O segundo maior recuo deu-se no Rio de Janeiro (-6,85%), onde é acompanhado o preço do feijão preto. As variações anuais do feijão foram muito expressivas, com destaque para Salvador (60,60%), Aracaju (50,62%), Goiânia (45,73%), João Pessoa (42,86%) e São Paulo (40,02%). Apenas em Fortaleza (-5,29%) e Curitiba (-2,59%) foram verificadas variações acumuladas negativas.

Dentre os produtos que tiveram preços predominantemente em queda, o óleo de soja foi o que apresentou recuo no maior número de localidades, com redução em 15 cidades, repetindo tendência já verificada nos últimos dois meses. As maiores retrações ocorreram no Rio de Janeiro (-14,29%), Aracaju (-10,14%) e Natal (-8,64%). A única alta foi encontrada em Belo Horizonte (1,03%). No período anual, houve redução em todas as capitais, com variações entre -33,33%, em Fortaleza, e -13,62%, em Recife.

O arroz manteve a tendência verificada desde meados do ano passado, quando o produto foi isentado de impostos como PIS/Pasep e Cofins. Em julho, foram apuradas quedas em 14 capitais, com destaque para Fortaleza (-10,29%), Curitiba (-9,03%) e João Pessoa (-8,19%). As duas elevações ocorreram em Florianópolis (4,88%) e Aracaju (0,43%). Em 12 meses, todas as capitais registraram queda no preço do produto, que se situaram entre -22,46%, em Goiânia, e -44,90%, em Belém.

O açúcar repetiu, em julho, a tendência de queda já verificada no mês anterior, e 13 capitais apontaram recuo no preço, os mais expressivos verificados em Aracaju (-19,39%), Curitiba (-8,06%), Belém (-6,71%) e Vitória (-6,02%). Os aumentos foram constatados em João Pessoa (4,67%), Natal (3,54%) e Brasília (1,31%). Em comparação com julho do ano passado, porém, o açúcar subiu em 14 cidades, com aumentos que variaram entre 9,45%, em Belém e 32,48%, em Brasília. Não houve alteração em Fortaleza e foi apurada queda de 7,64%, em Aracaju.

Apesar do período de entressafra, a carne bovina apresentou retração em 12 localidades, com destaque para Brasília (-5,23%) e Aracaju (-2,60%). Pequenos aumentos ocorreram em outras quatro cidades, o maior deles apurado em Goiânia (1,37%). Na comparação anual, resultado oposto foi obtido, com alta em 14 capitais – com destaque para Vitória (7,88%), Rio de Janeiro (7,36%) e Salvador (7,02%) – e recuo em João Pessoa (-5,15%) e Belém (-0,55%).

Também o tomate repetiu, em julho, o comportamento de junho, com retração em 12 capitais. As taxas mais significativas foram verificadas em Goiânia (-25,41%), Recife (-19,52%) e Aracaju (-16,49%). Os aumentos foram constatados em Vitória (20,51%), Curitiba (7,93%), Belo Horizonte (7,88%) e Rio de Janeiro (1,55%). Em 12 meses, o preço do tomate teve retração em 14 localidades, variando entre -1,26%, em Aracaju, e -17,21%, em Belo Horizonte. As elevações foram verificadas em Vitória (6,21%) e Florianópolis (6,03%).

Espaço para reduções

Os preços dos produtos componentes da cesta básica apresentaram grandes elevações desde o final do ano passado, até maio último. Junho e julho, porém, registraram reduções. A comparação anual mostra, no entanto, que a maioria dos produtos está bem mais cara, em julho de 2005, que em igual mês no ano passado, caso, por exemplo, do café, feijão, açúcar e leite, indicando que ainda há espaço para reduções.

As altas verificadas ao longo dos doze meses foram provocadas por fatores climáticos, como a forte seca registrada na região Sul do país. Em outras regiões, ocorreu o inverso, com chuvas bastante intensas que dificultaram a colheita e o armazenamento, caso em que o principal exemplo é o feijão.

A valorização da moeda nacional, o real, favorece as importações, como o trigo, tornando-o mais barato para o consumidor brasileiro, ao mesmo tempo em que impede alta mais expressiva de produtos exportados, como o açúcar, café e soja. Para este último item, porém, pode haver alguma pressão altista para os próximos meses devido ao mercado internacional, consequência da redução na produção americana e da forte demanda, principalmente da China.

São Paulo

O custo da cesta básica teve queda, na capital paulista, de 2,69%, em julho, o que fez com que seu valor recuasse para R\$ 178,22. Apesar deste comportamento, a cidade continuou a ter a cesta básica mais cara, dentre as 16 localidades pesquisadas. Neste ano – entre janeiro e julho – os gêneros de primeira necessidade tiveram aumento de 3,50%, enquanto em 12 meses – entre agosto de 2004 e julho de 2005 – a alta ficou em 2,45%.

Dos 13 produtos que compõem a cesta, somente o feijão cariquinho subiu em julho, registrando aumento de 6,43%, enquanto o leite *in natura* tipo C ficou estável. Onze itens tiveram redução: batata (-19,37%), tomate (-5,99%), açúcar refinado (-4,10%), farinha de trigo (-3,23%), óleo de soja (-3,00%), arroz agulhinha tipo 2 (-2,21%), manteiga (-2,20%), pão francês (-2,14%), carne bovina de primeira (-1,75%), banana nanica (-1,71%) e café em pó (-0,46%).

Nos últimos 12 meses, cinco produtos tiveram queda: arroz (-24,00%), óleo de soja (-21,77%), tomate (-15,70%), farinha (-12,09%) e banana (-5,38%). Os aumentos foram apurados para feijão (40,02%), açúcar (15,84%), café (11,26%), manteiga (6,84%), leite (6,52%), pão (5,91%), carne (3,45%) e batata (1,99%).

O trabalhador paulistano que ganha salário mínimo precisou cumprir, para comprar os alimentos básicos, em julho, jornada de 130 horas e 42 minutos, enquanto em junho eram

necessárias 134 horas e 18 minutos. Em doze meses, a redução do tempo de trabalho necessário é mais efetiva, uma vez que, em julho de 2004, a aquisição dos gêneros essenciais comprometia 147 horas e 11 minutos.

A mesma situação pode ser verificada quando se compara o custo da cesta básica com o salário mínimo líquido, depois da dedução da parcela da Previdência. Em julho, 64,33% dos ganhos de um trabalhador remunerado pelo mínimo seriam destinados à sua alimentação, taxa menor que em junho, quando o percentual comprometido situava-se em 68,09%. Em julho de 2004, 72,45% do mínimo destinavam-se à compra dos gêneros essenciais.